

Universidade de Budapeste

COLÓQUIO LUSO-HÚNGARO «ENTRE O PRIMEIRO E O SEGUNDO GLOBALISMOS –
DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS»

12.5.2009

_____ « « _____

«Pós-modernidade e Globalização da Educação em Gilles Lipovetsky»

Paulo Barroso

_____ « « _____

LIPOVETSKY, Gilles (2004) *O Crepúsculo do Dever – A Ética Indolor dos Novos Tempos Democráticos*. 3ª Edição, Lisboa: Dom Quixote.

_____ « « _____

“Os políticos gregos, que viviam sob o governo popular, não reconheciam outra força que não a da virtude; os de hoje não nos falam senão de manufacturas, comércio, finanças, riquezas e mesmo de luxo”

Montesquieu, *Espírito das Leis*, III, 3.

1. SINOPSE

A obra *O Crepúsculo do Dever* constitui um diagnóstico das sociedades contemporâneas ocidentais. Trata-se de uma análise sociológica em que Lipovetsky considera que vivemos numa época de pós-modernidade. Uma época que se caracteriza por ser pós-moralista, porque a moral religiosa tradicional foi rejeitada a favor de uma moral laica.

Esta perspectiva crítica da sociedade e do Homem (ou da condição humana) faz uma abordagem da precariedade do sistema de valores pós-moderno que sustenta as sociedades contemporâneas. Os valores não desaparecem, mas transformam-se. A época do dever (da moral austera e das virtudes colectivas) terminou. Estamos agora na época do pós-dever, porque procuramos uma moral pela qual a realização pessoal orienta a cultura.

Por conseguinte, Lipovetsky apresenta a proposta de uma “nova ética” que estaria menos vocacionada para a Filosofia e, pelo contrário, mais preocupada com a prática da vida e a organização do quotidiano. Esta “nova ética” seria aceitável, porque configuraria um equilíbrio entre a teoria e a prática da vida ou entre o ideal e o possível. As grandes ideologias da História e os grandes esquemas explicativos que marcaram a modernidade (e.g. nacionalismo, socialismo, revolução, progresso) perderam importância no mundo contemporâneo. É a desconfiança nas grandes ideologias da modernidade e nos progressos dos sistemas filosóficos de Kant, Hegel ou Marx.

O conceito de “pós-modernidade”, apresentado por Jean-François Lyotard em *A Condição Pós-Moderna* (1984), sustenta a descrença nas mega-narrativas da modernidade. Descrença que culmina na deslegitimação dos ideais, preceitos e regras. Na obra de Lipovetsky, demarcam-se os mais recentes momentos históricos, que se caracterizam por justaposição, como a seguir apresentamos esquematicamente:

Valores	
Modernidade	Pós-modernidade
Razão.	Os valores da razão são colocados em causa
Sociedade mais justa (como construção do Homem como ser racional)	Sociedade do vazio (como resultado do declínio dos ideais antigos); fim da ética.
Subordinação do indivíduo aos valores morais e às doutrinas que regem o colectivo.	Narcisismo: autonomia individual. O interesse por questões públicas desvaneceu.
Período de ideais (de utopia). Ideal de progresso.	Crise de ideais; pragmatismo e utilitarismo. Período de disparidade do passado e em que nenhuma versão de “progresso” pode ser plausivelmente defendida. Reacção contra o progresso e evolução. Utopismo da perfeição da evolução e expansão científica.
Sacrifícios. Obrigação como fonte de abnegação.	Sedução: vivência imediata dos sentidos. Procura do conforto e da felicidade fáceis. Dedicamo-nos hoje, sem moralismos, à procura do prazer pessoal. Regemo-nos, sem escrúpulos, pelo desejo. Ética hedonista.
Era da moral de carácter religioso, baseada em dogmas e mandamentos divinos.	Pós-dever: uma ética <i>light</i> e indolor. Imediatismo, superficialidade, efemeridade, velocidade, informação, consumo, capitalismo. Negação da existência de significados estáveis.
Sociedades moralistas, coercivas e regradas.	Sociedades pós-moralistas: perda de sentido das grandes instituições morais, sociais e políticas.

Formas e padrões culturais estabilizados e pré-definidos.	Cultura e educação mais aberta que tornam superficial e imediata as relações humanas, caracterizadas pelo excesso de tolerância, hedonismo, personalização dos processos de socialização e coexistência de antagonismos (violência e convívio, tempo passado e tempo moderno, cuidados ambientais e práticas de consumo desregrado.
---	---

2. PROBLEMÁTICA

A problemática desta obra gira em torno do questionamento da actualidade, isto é, dos seus valores sociais, princípios morais e padrões culturais. Através deste questionamento, Lipovetsky conclui, designadamente, pelo aprofundamento da lógica individualista (a cultura do narcisismo), pelo consumismo da condição do Homem Moderno, pela ausência de valores, pelo excesso de informações, pela falta de interesse geral em participar na esfera pública (perda de laços comunitários). Numa palavra, a actualidade caracteriza-se pelo “vazio”. Mas não chega a haver um vazio absoluto ou um desinteresse absoluto, isto é, um niilismo nietzscheano. O problema é que as pessoas se mobilizam em função dos seus interesses em vez de, sistemática e quotidianamente, se envolverem pelo simples dever de cidadania.

Todavia, a questão moral não deixa de se colocar, porque o Homem é um ser moral e ético mesmo sendo individualista. Depois da fase da secularização ética (1700-1950) e da idade do pós-dever (desde 1950), “deixamos de reconhecer a obrigação de nos ligarmos a qualquer coisa para além de nós próprios”, segundo Lipovetsky. É face a esta maleita da modernidade que o autor admite que estamos a viver o crepúsculo do dever (como um imperativo decorrente de leis superiores).

3. QUADRO TEÓRICO

Sociologia compreensiva e interpretativa (perspectiva crítica da sociedade e do Homem).

4. CONCEITOS

Dever; Ética; Pós-dever; Pós-modernidade; Pós-moralista; Secularização da ética; Sociedade pós-moderna; Sociedade pós-moralista.

5. PROPOSIÇÕES

“O tema da reactivação moral, ou seja, da «ordem moral», dá mostras da sua ostensividade.”(p. 14).

“Somos testemunhas de uma enorme oscilação cultural que, para conjugar todas as referências humanistas, acaba por instalar uma ética de «terceiro tipo», que já não encontra o seu modelo nem nas morais religiosas tradicionais nem nas modernas, do dever laico, rigorista e categórico.” (p. 15).

“Como designar uma cultura onde a promoção dos direitos subjectivos deixa sem herdeiro o dever dilacerante, onde o que é rotulado de ético é assumido como invasor, usurpador, e de onde a exigência de compromisso está ausente?” (p. 17).

“Sociedade pós-moralista: entenda-se uma sociedade que repudia a retórica do dever austero, integral, maniqueísta, e que, paralelamente, exalta os direitos individuais à autonomia, ao desejo, à felicidade.” (p. 17).

“O pós-dever não é sinónimo de sociedades em comunhão numa tolerância permissiva (...)” (p. 18).

“O pós-dever contribui, ao seu nível, para fragmentar, para dualizar as democracias, produzindo simultaneamente normalização e anomia, mais integração e mais exclusão, uma maior preocupação higienista e mais auto-destruição, mais horror pela violência e uma maior banalização da delinquência, mais *cocooning* e mais sem-abrigo.” (p. 19-20).

“Quando se extingue a religião do dever, não assistimos ao declínio generalizado de todas as virtudes, mas sim à justaposição de um processo desorganizador e de um processo de reorganização ética que se estabelece a partir das próprias normas individualistas: é necessário pensar a era pós-moralista como um «caos organizador».” (p. 20).

“A era pós-moralista não deve convidar, nem ao sonho de uma ressurreição do dever maximalista, nem às aberrações de uma «recuperação» da ética; deve reafirmar a primazia do respeito pelo homem, denunciar as armadilhas do moralismo, promover éticas inteligentes nas empresas, bem como na relação com o ambiente, favorecer soluções de compromisso, assentes nos princípios humanistas de base, mas em consonância com as circunstâncias, com os interesses e as exigências de eficácia.” (p. 25).

“O advento da modernidade [coincide] também com a afirmação de uma moral livre da autoridade da Igreja e das crenças religiosas, estabelecida numa base humana-racional, sem recurso às verdades reveladas.” (p. 28).

“O processo de secularização da moral significa mais do que a afirmação da «moral independente», significa a preponderância das obrigações éticas sobre as da religião.” (p. 39).

“A era da felicidade das massas celebra a individualidade livre, privilegia a comunicação e multiplica as escolhas e as opções.” (p. 64).

“A cultura da felicidade «leve» induz uma ansiedade crónica de massa, mas faz desaparecer a culpabilidade moral.” (p. 66).

6. QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

a) “O século XXI será ético ou não será, de todo?”

b) “Se a cultura de auto-absorção individualista e do self-interest é, neste momento, predominante, como explicar a aspiração colectiva à moral? Como podem indivíduos virados para si próprios, indiferentes tanto ao próximo como ao bem público, indignar-se, dar mostras de generosidade, reconhecer-se na reivindicação ética?”

c) Quais os efeitos das actuais sociedades contemporâneas, caracterizadas pela ausência de valores morais e de cidadania, na educação das pessoas, isto é, na aquisição de conhecimentos e de padrões culturais?

d) A crise da sociedade reflecte-se numa crise da Escola?

e) Os desenvolvimentos dos processos e técnicas de comunicação, bem como o excesso de informações, impõem novos métodos de educação e novas exigências às escolas?

7. CONCLUSÃO

O conceito de “pós-modernidade” terá sido primeiramente apresentado por Jean-François Lyotard, na sua obra *A Condição Pós-Moderna*, de 1985. Desde então têm sido muitos os autores a

abordá-lo e a conceptualizá-lo de diferentes maneiras (ex. “sociedade pós-industrial”) que o próprio termo quase se tornou ambíguo e equívoco. Esta época é a do triunfo do espectáculo total, do consumismo, do liberalismo do mercado global, do capitalismo ou de qualquer outro nome que se queira dar ao processo que domina hoje a história mundial. Uma época onde o consumismo transformou-se em necessidade.

Na mesma linha de pensamento que Lipovetsky, Charles Taylor, em *A Ética da Autenticidade*, apresenta as três doenças da modernidade: 1) individualismo e perda do colectivismo; 2) domínio da razão instrumental sobre a razão crítica; 3) diminuição da participação política ou abstencionismo.

As transformações sociais não se limitam apenas a uma série de mudanças instrumentais (novas maneiras ou novos instrumentos de comunicação), mas também de mudanças qualitativas (novos estilos de vida, novas formas de aceder ao conhecimento, de reestruturação das nossas escalas de valores).

Estas mudanças significam uma vida de maior qualidade? Vivemos melhor? Somos mais sábios? É mais fácil relacionarmo-nos com os outros? Estamos menos sozinhos? Somos mais livres e autónomos? A pós-modernidade facilita a construção de sociedades mais democráticas e humanas?